

O FILHO DA MÃE

1971-1972

VILHENA

O FILHO DA MÃE



VILHENA

CAPÍTULO I

MÃE HÁ SÓ UMA... (1)

Se um qualquer de nós (o leitor ou eu), por circunstâncias ou motivos difíceis de explicar, estivesse no quarto do senhor António Freitas nessa manhã de Primavera no longínquo ano de mil novecentos e trinta, certamente teria ficado alarmado com as exclamações indignadas que a Belmira dos Anjos, sua legítima e invejada esposa, a certa altura começou a proferir em altos brados... e justamente no momento em que nada o faria prever, porque, tanto ela como o companheiro de leito, davam, sob os revolvidos lençóis, evidentes mostras de quem experimenta inefáveis gozos físicos, suspirando, gemendo e retribuindo-se palavras ternas, como, de resto, é uso e costume em situações semelhantes... que, sem dúvida e por felicidade, todos nós experimentaríamos já...

O facto, porém, é que a Belmira, em dado momento e sem qualquer espécie de transição, desatou a injuriar o comparsa em termos tais que não deixavam margem a quaisquer dúvidas quanto à indignação que a possuía:

(1) Mas, país, havia dois.

— Malandro! Patife! Bandido!... Filho de uma grandessíssima cadela!...

E, ao mesmo tempo que soltava tão terríveis palavras, a mulher do Freitas, uma gorducha ainda fresca e apetitosa, apesar de ter passado os quarenta anos, atirou com os lençóis para o chão e ficou sentada na cama, completamente despida, com os cabelos revoltos, os grandes peitos a arfar violentamente e um olhar carregado de ódio a fulminar o amedrontado companheiro que continuava imóvel, numa expectativa resignada.

— Tinhoso! Cabrão! Gatuno!... Eu seja cega se volto a vir contigo para a cama!... Infame!... Hás-de pagá-las...

— Mas o que foi, Belmira?... Que é que eu fiz?... — atreveu-se a balbuciar o pobre, afectando inocência, embora estivesse fartíssimo de saber o sarilho em que se tinha metido.

— Ainda perguntas o que fizeste, filho de uma cabra?... Patife!... Desavergonhado!... Toca mas é a andar daqui para fora, e depressa, antes que te quebre aquele jarro na cabeça, grande porco!... Sabujo!...

— Mas ó Belmira... deixa-me explicar-te...

— Qual explicar nem meio explicar, seu ranhoso!... Malandro! És dos que a pregam pela calada, à falsa fé, coirão!...

— Mas, ouve lá, Belmira...

— Rua, já disse! Toca a vestir as calças, antes que te ponha fora do quarto só com a camisola em cima do pêlo!... Bandido!...

— Olha que podem ouvir... não grites tão alto, Belmira.

— E eu que me importo!... Assim ficam a saber o tinhoso que tu és...

— Mas o pior mal é teu, não vês? A gritar assim tão alto não tarda aí gente... e até são capazes de ir chamar o senhor Freitas...

«Olá» — dirá o leitor a arrebitar a orelha, cheirando-lhe a escandaleira — «Com que então a safada da Belmira não estava na cama com o marido...» — e realmente não se engana, porque o objectivo de tais vitupérios não era de facto o legítimo proprietário daquelas carnes opulentas e bem conservadas, mas o Bento Moreira, de profissão capador de porcos e mais conhecido pelo *Bexiga*, que de há uns três anos àquela parte vinha desfrutando com regularidade os encantos da Belmira, mulher ardente e voluntariosa, a quem o António Freitas, com os seus cinquenta e dois anos bem gastos no trabalho, não satisfazia nem pouco mais ou menos.

Que teria acontecido, porém, para a lançar em tal estado de indignação?

A coisa conta-se em duas palavras: mãe de cinco encantadoras meninas de nove, oito, sete, cinco e três anos, respectivamente, a Céu, a Gina, a Lurdinhas, a Melindra e a Mira (esta última, Belmira, como a mãe), a mulher do Freitas não estava disposta a oferecer ao marido mais nenhum rebento, que a paciência já lhe ia faltando para carregar com a barriga e mudar as

fraldas, tanto mais que a Mirã saíra uma porcalhona e ainda lhe mijava a cama todas as noites... Ora no programa que ela tinha combinado com o *Bexiga* para aquela manhã primaveril não estava previsto que ele excedesse certos limites, porque o período era altamente perigoso e a fertilidade da Belmira um facto incontroverso, bem atestado pelas três últimas meninas concebidas — essas ainda sem pecado — mas muito contra vontade, não falando já em outros tantos desmanchos praticados nos *intervalos*.

Como mulher de palavra que se prezava ser, a Belmira estava justamente lixada com o Bexiga, que, abusando da situação e aproveitando um momento em que as defesas da sua companheira de cama fraquejavam, tinha-lhe pregado a partida e consumado o acto sem apêlo nem agravo e em toda a plenitude. Bolas para o tipo, que com aquele golpe demonstrava ser indigno da sua confiança e por isso a Belmira dava largas à indignação, invectivando-o consecutivamente, continuando a cobri-lo de injúrias e jurando a todos os santos cortar-lhe de vez com os seus favores, com a hospitalidade dos seus lençóis bordados, do colchão de arame de cinco fios e da linda cama «Queen Anne» que, juntamente com as mesinhas, a cómoda, o psiché e duas cadeiras, tudo folheado a mogno, tinha custado ao Freitas uma pancada de massa apesar de comprada a um amigalhaço, fabricante de móveis em Vila Nova de Gaia. Não se faz!...

— Hás-de arranjar outra onde vais fazer isso, porcalhão... que aqui não voltas a meter nem o nariz, desgraçado!...

— Ouve lá Belmira, o que está feito está feito... não se lucra nada em armar escândalo ainda por cima... Vê lá se te calas, que diabo!...

— Ó grandessíssimo estupor; julgas que ainda por cima hei-de andar ao teu mando?... Poça!... Não me faltava mais nada: dentro da minha casa e logo ao mando de um miserável que não tem onde cair morto!

— Belmira!...

— Se estás com tanta vontade vai emprenhar a tua mulher... se ainda fores capaz de lhe encontrar o sítio no meio daquelas engelhas todas...

— Mau, Maria!... — o capador de porcos, que entretanto enfiara as calças e os coturnos, já não estava a gostar nada da brincadeira, sobretudo daquela referência à extrema magreza da sua mulher —. Olha que eu sou muito bom, muito bom, mas é só enquanto não me espevitam cá os nervos. Trata lá de calar o bico e depressa, ouviste?

— Cabrão!... Ora não querem lá ver? Vá lá dar ordens para a pocilga onde vive, seu cornudo duma figa!...

— Olha que tu não me faças perder a razão, que te esgano, cadela!... Se me tornas a chamar cornudo, desfaço-te o canastro à porrada! — dizia o *Bexiga*, interrompendo a sua toilette, com a voz alterada e uma enorme bota cardada na mão em

atitude ameaçadora —. Lá na minha casa não haverá estes luxos, mas há limpeza que chege e sobretudo há respeito... que a minha patroa não anda a abrir as pernas aos de fora como *outras* que eu conheço, percebes?

Temos de concordar que este desforço do capador de porcos não foi elegante e não o abonou muito sobre o seu espírito desportivo, mas, atendendo às circunstâncias do momento e também à reduzida educação que o tipo recebera na altura devida, não podemos exagerar muito a importância daquela tirada infeliz. Outro tanto não sucedeu, contudo, à Belmira, que, tomando tudo à letra (e completamente desvairada por ouvir palavras tão sórdidas da boca de quem a transformara em mulher adúltera e ao pobre Freitas em marido enganado), correu para a gaveta da cómoda onde havia um velho revólver da guerra de catorze, disposta a estoirar ali mesmo os miolos do *Bexiga*, se a sua pontaria desse para tanto, já se vê...

Adivinhando-lhe a intenção, o capador correu atrás dela, segurou-lhe os braços com as mãos possantes, seguindo-se uma luta feroz e ruidosa, com a Belmira, possessa, a espernear e a gritar com quanta força tinha que ia matá-lo... e o *Bexiga* a tentar tapar-lhe a boca para evitar que se ouvisse no rés-do-chão, mas o facto é que se ouviu mesmo e, passados momentos, a prima Eulália empunhando ainda a medida do açúcar e o Silvino com o metro de madeira na mão para

o que desse e viesse, irromperam pelo quarto dentro, depois de arrombar a porta, onde se lhes deparou o espectáculo insólito do Bexiga em peúgas, calças desabotoadas e camisola interior (bastante suja, diga-se de passagem), segurando a Belmira completamente nua, com os cabelos desgrehnados e olhar de louca, a tentar cravar os dentes no ombro direito do adversário.

O senhor António Freitas — conforme já se disse, homem de cinquenta e poucos anos — era, além de um moiro de trabalho, pessoa ponderada, bom conhecedor da alma humana e compreensivo ante as fraquezas do seu semelhante, mesmo quando esse (semelhante) se chamava Belmira e estava ligado a ele pelos sagrados laços do matrimónio.

Não se podia dizer que fosse estimado lá em Covões de Baixo, pela simples razão de que um vendedor de produtos vitais (a quem pelo menos quatro quintos da população são devedores e um quinto insolvente) jamais foi estimado desde que o mundo é mundo, mas também não se podia dizer que fosse detestado ou malquisto, pois a verdade é que não roubava no peso mais do que é aceitável e habitual em tais situações e só em caso de extrema necessidade é que vendia géneros impróprios para o consumo... mas, justiça lhe seja

feita, sabia ser grato e distinguir o bom do mau cliente quando se tratava de colocar (vulgo impingir) o feijão bichento, o azeite rançoso, a carne estragada, o arroz com gorgulho, as sardinhas ardidas ou o bacalhau podre.

Mas enfim, deixemos isso, que não vem ao caso senão a talhe de foice, esclarecendo só que o nosso homem, além da casa A. Freitas, Lda. ⁽¹⁾, possuía umas territas bem localizadas e com boas águas, um pequeno talho-matadouro semiclandestino, o Talho Moderno, onde vendia carnes de porco, borrego e carneiro e um barracão onde fabricava enchidos com os excedentes do mencionado talho. A coroar este rosário de pertences, era o legítimo proprietário da Belmira (já que falamos em carnes, traduzida em cinquenta e oito quilos de excelentes febras, sem maselas nem osso a descoberto) e de uma bela casa, situada no andar em cima do estabelecimento principal, que a Belmira mobilara com requintes de nova rica, sem esquecer o lampião à porta da rua, a passadeira na entrada, a mobília da casa de jantar completa, com aparador, guarda-loiça e candeeiro

(¹) Em subtítulo, nas facturas e recibos, podia ler-se: Armazéns de mercearia, vinhos, enchidos, arames, tecidos e materiais de construção. Distribuidores dos melhores azeites e óleos. Fornecedores de adubos, sulfatos, enxofre, batata de semente e aparelhos para os vinicultores. Vendedores de tabacos e seus derivados, refrigerantes e águas minerais. Agentes do Comércio do Porto e do Banco Espírito Santo.

de vidrinhos e a casa de (meio) banho com bidé de chapa pintado, retrete de madeira com orifício circular e respectiva tampa, espelho, lavatório de ferro com balde de despejos e uma grande tina de zinco onde cada um, conforme os gostos e as necessidades, se lavava até ao possível... e, às vezes, mesmo o possível. A par de tudo isto, e das peças de menor luxo e representação, havia ainda dois quartos para as meninas, com as paredes forradas a papel cor-de-rosa e cortinados com laçarotes, e o quarto do casal, rigorosamente mobilado *de estilo*, onde se desenrolara o pungente e lamentável episódio com o capador de porcos.

Por falar neste patifório, aproveite-se para esclarecer uma coisa: entre as suas inúmeras propriedades, o António Freitas *tinha* também o *Bexiga*; não propriamente porque este fosse pertença ou *coisa* sua, mas porque o fizera seu braço direito nos variados e rendosos negócios em que sempre andava envolvido... e no mais que algumas linhas adiante tereis ocasião de constatar ⁽¹⁾. Embora capador de profissão, o *Bexiga* não a exercia senão por sadismo ou para fazer jeito a algum amigo (salvo seja!...), não lhe vindo daí grandes proventos para a vida farta que levava, até porque nem sempre há porcos para capar, sobretudo se é ano de peste suína... Por isso, ligado ao nego-

(1) Sei que é feíssimo galicismo, mas dá-me jeito empregar a palavra.

ciante (não sócio, que o Freitas não ia nisso de se associar a ninguém), era ele quem andava de nariz no ar por aqui e por ali, a ver se topava um lavrador com a corda na garganta, aflito por vender o vinho ou o azeite, mesmo perdendo uns centos em cada pipa; era ele quem colocava, com excelentes lucros, os enchidos de confecção duvidosa ou em estado de putrefacção adiantada; era ele também quem, usando torvas ameaças e exibindo o facalhão próprio da profissão de capador, se encarregava de cobrar as contas mais difíceis... e era ainda ele quem (embora não oficialmente, mas, como hoje se diz, oficiosamente...) ajudava a Belmira a dormir melhor, desde que o Freitas, a caminho dos quarenta e nove anos, tivera um aperto nas coronárias ⁽¹⁾. Desde aí e a conselho do excelente doutor Antunes, começara a *cortar-se* na cama, ou seja a fazer um manguito aos ardorosos apelos da Belmira, que, coitada, com sete anos a menos, um temperamento escaldante e uma saúde de ferro, era uma espécie de sanguessuga, infatigável, insaciável, sempre pronta para entrar na dança... e ainda por cima sujeita a agudas depressões nervosas quando a obrigavam a dois ou três dias de abstinência forçada.

Por isso mesmo é que surgiu na linha o *Bexiga*, homem dedicado e de confiança, amigo do seu

(1) Desculpai se a expressão é usada sem o desejável apuro clínico.

amigo e incapaz de dar com a língua nos dentes, por duas razões: a primeira porque a menor inconfidência significaria a perda dos negócios chorudos em que andava envolvido até aos ossos; a segunda porque era casado com uma mulher terrivelmente ciumenta e tinha um sogro aciganado e meio torto que não se ensaiaria nada para lhe espetar uma faca no bandulho se soubesse que a filha andava a ser desfeiteada pelo marido.

A entrada em cena do *Bexiga* foi porém um modelo de *savoir faire* do Freitas, de resto um homem que sempre soube fazer as coisas e a isso devia o sucesso de quase quatro décadas de excelentes negócios. O velho doutor Antunes, quando ele lhe expôs o bico de obra em que estava metido (pois já não se desengomava assim com duas e a mulher cada vez se mostrava mais arrebitada) não esteve com papas na língua e disse:

— Ouve lá, ó Freitas; eu sei que estas coisas custam a ouvir, mas a verdade é que ninguém te mandou ser parvo e casar com uma mulher dez anos mais nova do que tu, meu tratante!...

— Sete, senhor doutor..

— Sejam sete, mas o facto é que tu estás um cangalho velho e ela, apesar de ter dado à luz cinco vezes, fora o resto, parece que fez vinte e cinco anos a semana passada...

— Dei-lhe sempre boa vida; nunca lhe faltei com nada...

— Pois sim, sim, mas o que eu sei é que uma mulher com o corpo e um temperamento como

os dela... tem necessidades... e não há remédio senão satisfazê-las...

— Ó senhor doutor, talvez não seja tanto assim...

— Ai não? Queres-me ensinar essas coisas a mim, palerma? Não te esqueças de que a trato há mais de quinze anos e leio nela como num livro aberto... É daquelas que basta deitar-lhe a mão para se derreterem como manteiga!

— Pronto, senhor doutor; não se fala mais nisso! O que eu preciso é que me aconselhe... porque a cruz é minha: sou marido dela, desgraçadamente...

— Porque és parvo; não era mulher para ti, já te disse mais do que uma vez...

— Não foi por minha vontade, senhor doutor... fui obrigado a casar... Cai na ratoeira e agora tenho que me aguentar, é o que é... mas segundo ouvi dizer há aí umas drogas...

— Quais drogas nem meias drogas! Se não te pões a pau e continuas a fossar naquilo, vais desta para melhor enquanto o diabo esfrega um olho, fica sabendo!...

— E sem um filho homem, senhor doutor, isso é o que mais me custa! Tudo gado rachado... Ninguém que tome conta dos meus negócios...

— Pois é, meu estupor; tu agora só tens duas soluções: ou a trazes amarrada com uma corda e fazes dela uma neurótica que há-de dar cabo da vida a ti, a ela e às filhas, ou...

— Ou...